



KnoWhy #138

Junho 17, 2017



## Por que Corior foi amaldiçoado com mudez?

*"Ora, quando Alma pronunciou estas palavras, Corior ficou mudo, não podendo mais falar, conforme as palavras de Alma."*

*Alma 30:50*

### O conhecimento

No final do décimo sétimo ano do reinado dos juízes (aproximadamente 75 a.C.), saiu um anticristo chamado Corior, que "começou a pregar ao povo contra as profecias que haviam sido proferidas pelos profetas, relativas à vinda de Cristo" (Alma 30:6). As reformas de Mosias determinaram que "não havia lei alguma contra a crença de um homem, porque era expressamente contrário aos mandamentos de Deus que se decretasse uma lei que deixasse os homens em desigualdade de condições" (v. 7). No entanto, a situação com Corior era única. Muito parecido com o caso envolvendo Neor (Alma 1), os problemas envolvendo o caso de Corior levantaram questões importantes na jurisprudência nefita.

A igualdade significava que uma pessoa podia não apenas acreditar no que queria, mas também dizer o que queria? Se alguém não acreditasse que Jeová era Deus, poderia ser punido por profanar o nome de Jeová ou por

falar insolentemente contra ele? Em outras palavras, a liberdade de crença (ou descrença) implica liberdade de expressão, especificamente articulando ou refletindo essa crença? Esta importante questão não havia sido contemplada ou abordada na lei originalmente estabelecida pelo rei Mosias uma geração antes.

Devido à seriedade dessas questões, Corior acabou sendo levado a julgamento perante Alma e o juiz supremo nefita (Alma 30:29). No decorrer de sua luta verbal, Corior, que negava a existência de Deus,<sup>3</sup> exigiu de Alma: "Se me mostrares um sinal que me convença de que existe um Deus, sim, se me mostrares que ele tem poder, eu então me convencerei da veracidade de tuas palavras" (v. 43).

A resposta de Alma a esse desafio foi decisiva: "Tu já tiveste muitos sinais; queres ainda tentar a teu Deus?

[...] Isto te darei por sinal: tu ficarás mudo, de acordo com minhas palavras; e afirmo que em nome de Deus ficarás mudo, de modo que não mais falarás" (Alma 30:44, 49). Imediatamente depois disso, "Corior ficou mudo, não podendo mais falar, conforme as palavras de Alma" (v. 50).



Essa demonstração inconfundível de poder divino forçou Corior a confessar seus erros e se humilhar até certo ponto diante de Deus (Alma 30:51-54). Sua confissão, no entanto, estava incompleta, e sua promessa de bom comportamento futuro era evasiva. Apesar de implorar para a maldição ser retirada, Corior foi rejeitado e "expulso" ou evitado em Zarahemla. Assim reduzido a mendicância, logo foi para Antionum e ali, entre os zoramitas, foi pisoteado até a morte (vv. 56, 58-59).

## O porquê

Corior recebeu um sinal porque desafiou Alma a provar a existência de Deus: "Se me mostrares um sinal que me convença de que existe um Deus, sim, se me mostrares que ele tem poder" (Alma 30:43). Estar disposto a se submeter a um julgamento era frequentemente visto em julgamentos antigos, quando as partes haviam chegado a um ponto de impasse. Como réu, Corior teria visto a falha de Alma em produzir provas convincentes como uma justificativa de todo o seu caso.

O fato de Corior ter sido amaldiçoado com mudez já é bastante chocante. Que a maldição tenha permanecido sobre ele mesmo depois que ele reconheceu seu erro pode ser ainda mais difícil para os leitores modernos aceitarem. Mas o juiz pediu a Corior que respondesse a quatro perguntas após a maldição (Alma 30:51), e Corior respondeu apenas parte delas. Corior então se virou para Alma e pediu que ele orasse a Deus para remover a maldição (v. 54).

Talvez antecipando objeções a esse resultado entre aqueles que admiravam Corior, Alma explicou que "[s]e esta maldição te fosse tirada, tu novamente perverterias o coração deste povo; portanto, faça-se contigo de acordo com a vontade do Senhor" (Alma 30:55). Com justificáveis razões de cautela, Alma se recusou a pedir a Deus que mudasse esse resultado, e a maldição permaneceu em Corior.



A aflição específica de Corior também faz sentido quando lida à luz das antigas práticas religiosas e



legais. Conforme explicado por John W. Welch, "A mudez de Corior [...] era precisamente o tipo de sinal ou restrição que as pessoas no mundo antigo esperavam que um deus manifestasse num ambiente judicial, especialmente diante de falsas acusações".<sup>5</sup> Isso é confirmado pela descoberta de inúmeros feitiços antigos que deliberadamente procuravam invocar a maldição divina da mudez sobre malfeitores e blasfemos (o que Corior claramente era).

Embora o uso de tal maldição possa parecer um tanto incomum ou sensacional para os leitores modernos, o pronunciamento de maldições ou feitiços era comum no antigo mundo mediterrâneo, e seu uso mais frequente era de fato na esfera jurídica. Nas últimas décadas, mais de uma centena de feitiços de ligação gregos e latinos — maldições inscritas em pequenas folhas de chumbo, dobradas e perfuradas com um prego — foram descobertos em túmulos, templos e, especialmente, poços perto de tribunais, onde foram colocados na esperança de que uma divindade do submundo os recebesse.

A punição de Corior, ao que parece, estava conforme o antigo procedimento legal para casos como este. Welch, portanto, vê esse resultado como "um belo exemplo de justiça taliônica divinamente executada: sua maldição combina com seu crime". Na verdade, a punição de Corior foi totalmente adequada: "Por ter falado mal, ele foi punido ficando incapaz de falar".

Com todas essas informações contextuais em mente, os leitores podem apreciar os pensamentos finais de Mórmon sobre o infeliz resultado do caso Corior. Com sua propensão a moralizar sobre incidentes importantes na história nefita, Mórmon efetivamente resumiu: "E assim vemos o fim daquele que perverte os caminhos do Senhor; e assim vemos também que o diabo não amparará seus filhos no último dia, mas arrasta-os rapidamente para o inferno" (Alma 30:60).

Gerald N. Lund, "An Anti-Christ in the Book of Mormon—The Face May Be Strange, but the Voice Is Familiar", em *The Book of Mormon: Alma, the Testimony of the Word*, ed. Monte S. Nyman e Charles D. Tate Jr. (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1992), pp. 107–128.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

## Notas de rodapé

1. Para saber mais sobre o julgamento e a execução de Neor, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que Neor sofreu uma morte 'ignominiosa'? (Alma 1:15)", *KnoWhy* 108 (13 de maio de 2017).
2. John W. Welch, *The Legal Cases in the Book of Mormon* (Provo, UT: Brigham Young University Press and the Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2008), p. 274. Welch, *Legal Cases*, p. 277, traçou especificamente uma conexão entre os casos de Neor e Corior: "De fato, parece que o caso de Corior, como o caso de Neor, levantou alguns detalhes legais que surgiram desde o primeiro momento na interpretação do significado da lei de Mosias. Por exemplo, quem deveria ter jurisdição sobre casos de falsa pregação e blasfêmia — o juiz supremo ou o sumo sacerdote? A indisciplina ou o discurso errado eram puníveis sob a nova lei, ou uma pessoa poderia ser punida apenas por suas ações abertas? Sem experiência prévia para conduzir o julgamento no tribunal, essas questões se tornaram um problema de primeira impressão para os tribunais superiores de Gideão e Zazaela".
3. A negação de Corior da existência de Deus não deve ser rapidamente comparada à forma moderna de ateísmo que surgiu na maioria durante o Iluminismo. Embora o ateísmo de hoje negue a existência de quaisquer seres divinos ou sobrenaturais, Corior afirmou a existência de Satanás e anjos (Alma 30:53). Em vez disso, embora se sobreponha ao ateísmo moderno, a única versão de Corior do ateísmo deve ser entendida como negando o poder operativo de Deus em assuntos mortais, uma negação das revelações de Deus aos profetas, a negação da vinda e expiação de Cristo, uma ética puramente humanista e a redução de testemunhas espirituais ao "efeito de uma mente desvairada" (Alma 30:13–17). Em suma, o ateísmo de Corior era um ateísmo funcional ou comportamental que negava o envolvimento de Deus nos assuntos humanos, e não um ateísmo puramente intelectual que negava completamente a sua existência.
4. Ze'ev W. Falk, *Hebrew Law in Biblical Times*, 2nd ed. (Provo, UT e Winona Lake, IN: Brigham Young University Press e Eisenbrauns, 2001), pp. 55–56.
5. Welch, *Legal Cases*, p. 292.
6. Welch, *Legal Cases*, p. 290. Curiosamente, um antigo texto hitita enuncia maldições de cegueira e surdez para qualquer um que fale mal contra o rei. "Quem participa do mal contra o rei e a rainha, que as divindades do juramento o prendam [...] Que o deixem cego como o cego. Que eles o ensurdeçam como o surdo. E que eles o destruam totalmente, um mortal, com suas esposas, seus filhos e seu clã". Billie Jean Collins, trad., "The First Soldiers' Oath", em *The Context of Scripture: Volume I, Canonical Compositions from the Biblical World*, ed. William W. Hallo (Leiden: Brill, 2003), p. 166. Isso pode parecer a situação de Corior, já que ele foi amaldiçoado de maneira semelhante após falar contra o Rei dos reis.
7. Welch, *Legal Cases*, p. 289.

## Leitura complementar

John W. Welch, *The Legal Cases in the Book of Mormon* (Provo, UT: Brigham Young University Press and the Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2008), pp. 273–300.